

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

A TRANSFORMAÇÃO DE BUENOS AIRES NA GRANDE METRÓPOLE SUL-AMERICANA NO
PERÍODO DA BELLE ÉPOQUE ARGENTINA

Maria Heloisa Lenz (FEE e UFRGS)

A Transformação de Buenos Aires na Grande Metrópole Sul-americana no Período da *Belle  poque* Argentina

Resumo

O artigo tem como objetivo debruçar-se sobre a cidade de Buenos Aires no seu papel de grande metrópole latino-americana durante a *Belle  poque* Argentina. Este período que iniciou no final do século XIX e terminou por volta dos anos vinte, teve na cidade de Buenos Aires, intitulada a *metrópole dos pampas*, a melhor expressão de opulência e riqueza material do país. A Buenos Aires que surge neste período foi pensada aos moldes das grandes metrópoles européias, com a sua arquitetura marcada pelas influências francesa e inglesa. Mas o mais importante é que nela v o coexistir traços de modernidade e de vazio e pobreza, o que lhe dará uma conforma o diferente das demais. O trabalho será desenvolvido em três partes. A primeira apresentar  as características do período de intenso crescimento experimentado pela Argentina no período. A segunda enfocará a fase de funda o da cidade de Buenos Aires, com ênfase nas características e distribui o de sua popula o inicial. Finalmente, a terceira tratar  da cria o da cidade de Buenos Aires como expressão das mudanças do enriquecimento sofrido pelo país nesta fase de modernidade.

Introdução

Este trabalho tem como principal foco debruçar-se sobre a cidade de Buenos Aires no seu papel de grande metrópole latino-americana da *Belle Époque* Argentina. O período de grande crescimento da riqueza na Argentina, que iniciou no final do século XIX e terminou por volta dos anos vinte do século XX, teve na cidade de Buenos Aires a melhor expressão de opulência e riqueza material do país. A Buenos Aires que surge neste período foi pensada aos moldes das grandes metrópoles européias, com a sua arquitetura marcada pelas influências francesa e inglesa. Mas o mais importante é que esta cidade, que será denominada de *metrópole dos pampas*, se diferenciará de suas congêneres européias, pois nela o choque entre a modernidade e a pobreza será ainda mais dramática, dando-lhe uma conformação toda peculiar, em relação as demais.

O objetivo do trabalho é, então, examinar o papel da cidade de Buenos Aires desde a sua fundação até a sua transformação em grande metrópole, no período de grande crescimento econômico e será realizado em três partes. A primeira parte tratará de sintetizar as características do período de intenso crescimento, denominado de Belle Époque. A segunda enfocará a fase de fundação da cidade de Buenos Aires, com ênfase nas características e distribuição de sua população inicial. Finalmente, a terceira examinará a transformação de Buenos Aires como expressão das mudanças e requerimentos do enriquecimento sofrido pelo país nesta fase de modernidade, trazendo exemplos arquitetônicos e também de como a cidade foi descrita pela literatura.

Para este estudo do resgate e transformação Buenos Aires como a metrópole da *Belle Époque* argentina utiliza-se diversos instrumentos da História Econômicaⁱ, onde as séries estatísticas tem um papel fundamental, assim como as suas medidas, tais como as taxas de crescimento do produto e da população, assim como os fornecidos pela Nova História Culturalⁱⁱ, que tem como principal objetivo a busca de novos tipos de fontes para a pesquisa histórica e que tem como conceito fundamental o imaginário, definido como um sistema de representações coletivas de idéias e imagens sobre o mundo real. O autor Baczo (1994) vê o imaginário como um sistema de idéias e imagens e/ou ritos e crenças que são representações coletivas que dão sentido à realidade. Isso se dá porque o simbólico não é o evidente, implicando uma decifração além do que é mostrado nas obras.

Para Benjamin (1986) o narrador moderno sofreu a perda da capacidade narrativa o que reforça a necessidade do retorno da narrativa ao trabalho histórico, e Patlagean (1990) sustenta que é “(...) pelo imaginário da sociedade que se compreende a sociedade”. O imaginário, deste modo, é um conceito fluído, constituindo-se, na verdade, no somatório de

três conceitos, que são, muitas vezes, confundidos com ele: a) ideologia, b) representação e c) simbólico. Ele chama atenção, porém, que se trata de uma aproximação e não de total equivalência.

Dentro dessa nova forma de análise o papel do historiador é o de decodificador do imaginário de uma época através das obras literárias e das artes, sendo o simbólico outro elemento chave, abrindo espaço para a discussão da identidade.

Sobre a relação entre a história e o imaginário, Patlagean (1990, p.35), afirma: "(...) a história é também o domínio do imaginário, entendendo este como o sistema de idéias e imagens de representação coletiva que todas as sociedades criam para si". Desse modo, percebe-se que, em todos os tempos, é possível captar o imaginário.

A obra de arte, assim, seria a porta de entrada para o historiador tanto na restauração de mitos como na recuperação do clima de uma época. De acordo com Pesavento (1995, p.109) "A obra literária é, contudo, um tipo especial de fonte, assim como o historiador é um tipo especial de leitor".

O papel do historiador como narrador dos fatos passados também foi enfatizado por Gomes (2000) ao declarar: "Por essa razão, o trabalho por excelência do historiador é o do 'narrador'. E é um trabalho extremamente consciente do poder da narrativa como estratégia de integração entre teoria e empiria". Por sua vez, Pesavento (1995, p. 43), ao discutir esse papel especial do historiador, ressalta: "[...] o historiador enuncia a sua versão do real passado, mesmo que, contemporaneamente, ele admita que a sua explicação é uma entre outras tantas".

Acredita-se, assim, que estes instrumentos sejam extremamente adequados para o exame do crescimento e transformação de Buenos Aires como a expressão da modernidade, como ela foi pensada, formatada pelos dirigentes argentinos para representar exatamente a expressão material da riqueza e opulência do período de intenso crescimento experimentado pela economia argentina no final do século XIX.

O estudo, assim, trabalhará em várias frentes e matizes, partindo dos determinantes históricos, culturais e econômicos que configuraram esses processos e englobando paulatinamente as relações internacionais, os condicionantes sociais, os aspectos políticos, reconstituindo-os, à medida que influenciaram a trajetória da construção e modernização da cidade de Buenos Aires.

A *Belle Époque* argentina: as principais características do período de intenso crescimento

As imagens que restaram do período de intenso crescimento, que entrou na literatura como a *Belle Époque*, povoaram a mente de todos com a simples menção da palavra Argentina: a cidade de Buenos Aires concebida nos moldes de Paris, a figura do grande proprietário de terra educado na Inglaterra e cidadão do mundo, os teatros argentinos fazendo parte do circuito europeu de espetáculos no mesmo nível das principais cidades européias e tantos exemplos mais, com tantas peculiaridades diferentes dos demais países da América Latina.

O intenso crescimento econômico que inicia nos anos oitenta foi resultado da incorporação de vastas extensões de terras férteis, cuja utilização se tornou economicamente viável em razão da diminuição dos custos de transportes ter aproximado o mercado dos países europeus da Argentina, criando um aumento de demanda para as exportações deste país. É necessário destacar que a utilização das terras em regiões desabitadas para a produção só foi possível graças à chegada dos imigrantes e à construção das estradas de ferro que possibilitaram o transporte, a baixo custo, dos grãos e das carnes aos portos.

A nova fase da economia primária exportadora argentina, iniciada no final do século XIX pode ser resumida por dois fatores: 1) expansão e integração crescente na economia mundial; 2) grande expansão das terras férteis, com baixa população, na zona pampeira. O primeiro refere-se à importância do progresso técnico como fator determinante da integração da Argentina na economia mundial, podendo ser desdobrado em fluxo de capitais, migrações e expansão comercial. A Argentina, nesse sentido, constituiu-se no caso mais significativo de um país integrado à economia mundial, pois esse período marcou o aumento vigoroso das suas exportações que lhe proporcionou deter um lugar de destaque nos mercados internacionais, tanto pelo volume de seu comércio exterior, quanto pela magnitude dos capitais estrangeiros nela investidos e da chegada de grandes contingentes de imigrantes.ⁱⁱⁱ

O segundo fator foi a chamada “Campanha do Deserto”, quando foram incorporadas para o cultivo novas e importantes zonas de grande fertilidade, determinantes nessa nova etapa do desenvolvimento. Os dois fatores se interligam numa terceira característica marcante nesse período: a construção das estradas de ferro.

O terceiro fator dos elementos formadores da identidade argentina foi a construção das estradas de ferro, como forma de canalizar a produção e vencer as novas grandes extensões de terra e foi viabilizada por capitais ingleses. De acordo com a literatura, as conseqüências das estradas de ferro para a economia argentina para este período foram as seguintes: a integração,

imigração e a resultante expansão das atividades rurais geradoras de renda, o crescimento de mercado regional acelerado com a difusão de uma economia monetária e o aumento do poder de compra doméstico.

A questão da população sempre foi uma preocupação para os governos argentinos. Na verdade, a escassez de mão-de-obra na Argentina foi um problema persistente durante todo o século XIX: de um lado, pelas extensas áreas desertas do pampa incorporadas pela Campanha do Deserto e, de outro lado, pela pouca viabilidade em relação à utilização da mão-de-obra escrava. Em decorrência, o período compreendido entre 1860-80 teve como principal característica a adoção de uma ampla política de colonização.

Durante muitos anos, a frase "governar es poblar" foi um impulso e um ideal da nova nação. No imaginário argentino da época, existia a idéia da "despopulação"^{iv} do país, a visão da Argentina como um imenso deserto, inexplorado a ser cultivado. Esta imagem mobilizou a política argentina, ao menos desde 1880, e converteu o país em um dos maiores pólos de imigração do Ocidente ao longo de mais de meio século. Além disso, existia na realidade um *deserto* real a ser povoado, e o mero crescimento vegetativo da população local não tinha condições de garanti-lo em razão de seu reduzido contingente, de modo que a imigração começou a ser vista como uma solução simples e rápida.

Entre 1870 e 1914 chegaram à Argentina quase 6 milhões de imigrantes, principalmente homens jovens, espanhóis e italianos, sendo que em 1914 os estrangeiros superaram o número de argentinos de nascimento no grupo de 20 a 40 anos. Esse maior afluxo de imigrantes jovens modificou a estrutura populacional argentina, com influência maior da imigração na força de trabalho total do que na população em geral. Assim, o entrelaçamento destes fatores diferenciados criou um país rico com características multifacetadas, tais como espaço, deserto, inferno ferroviário e grandes contingentes de estrangeiros que, no seu conjunto, marcaram o período de intenso crescimento e a identidade da nação argentina, dando as condições para que a cidade de Buenos Aires se transformasse na cidade mais moderna e européias da América do Sul.

O Surgimento de Buenos Aires na Formação Inicial da Economia Argentina: a Importância do Porto de Buenos Aires e da População

Esta parte do trabalho trata das questões relacionadas com a fundação da cidade de Buenos Aires, relacionando-as com as mudanças econômicas do país e em segundo examinar a evolução e a distribuição da população da cidade.

A cidade de Buenos Aires teve, na verdade, duas datas de fundação. A primeira aconteceu em 1536, com o nome de Puerto de Nuestra Señora Santa María del Buen Aire, e foi realizada pelo espanhol Pedro de Mendoza, pelo enviado do rei Carlos I da Espanha. A segunda fundação ocorreu em 1583, por Juan de Garay, com uma expedição procedente do Paraguai, também por ordens do mesmo rei. Segundo Radovanovic (2002), a urbanização da América do Sul surgiu no século XVI como expressão de uma vontade política da coroa espanhola e que desde o início a planta urbana ficou definida pelo assentamento dos proprietários de terra.

Segundo Nogués (2003) o nome Buenos Aires teria sido escolhido por influência dos sacerdotes que integravam a primeira expedição e pertencentes a um convento da cidade espanhola de Sevilha onde se venerava a *Virgine de Bonaria (La Virgen del Buen Aire)*, na verdade um culto originário da Itália. Segundo o autor, participava da expedição um frade chamado Justo de Zaladar, que tinha grande influência espiritual sobre Pedro de Mendoza e por ter esta razão a escolha do nome da cidade.

Foi nesta segunda data que a cidade foi desenhada com 15 quadras de largura por 9 de fundo, com um total de 136 *manzanas*. Buenos Aires foi traçada com uma planta organizada segundo *manzanas* de aproximadamente 150 varas (130 metros) de lado. A cidade se localizou na borda de um barranco de pouca altura, entre 2 extremidades: a pampa plana e uniforme, e o Río de la Plata, o mais largo do mundo, mais barroso e de pouca profundidade. Cacciatore e Braun (1996).

O período de transição que iniciou no final do século XVIII e só terminou próximo aos anos 1870, trouxe, também, a ruptura do caráter fechado e auto-suficiente das regiões argentinas e foi provocada por dois fatores: a abertura do Porto de Buenos Aires, que possibilitou o comércio colonial com a Espanha através do Rio da Prata^v, o desenvolvimento da criação do gado como atividade para a exportação. Desponta, então, a importância da cidade de Buenos Aires, pois a sua posição estratégica assegurava a entrada de importações, proporcionando ao país o acesso de manufaturas baratas e, ao mesmo tempo, possibilitava a exportação dos produtos nacionais originados da produção pecuária. Para o Interior, entretanto, isso implicou uma lenta agonia, pois a entrada das manufaturas inglesas eliminou as produções artesanais locais, e a produção de gado local tinha pouca possibilidade de competir com a existente na Província de Buenos Aires.

A abertura do Porto de Buenos Aires e o concomitante aumento das exportações propiciou uma expansão do consumo, com um subsequente aumento da renda, o que levou a

um novo aumento do consumo e à demanda de novos produtos manufaturados, mais sofisticados, assim como de bens de capital e serviços.

Sobre a importância do Porto de Buenos Aires, vale a pena citar as palavras de Vázquez-Rial (1996, p.28):

"Un papel que encuentra sostén esencial, como espacio privilegiado de los intercambios, en el puerto de Buenos Aires, un gigante periférico por el que, inevitablemente, junto a los hombres, las mercaderías y el dinero, debían circular los bienes culturales, el saber técnico, las vanguardias artísticas y las ideas políticas, progresistas o no, desde y hacia las metrópolis."

Até meados do século XIX, a cidade teve um desenvolvimento imperceptível e seu aspecto permaneceu quase invariável. Com a queda do governados Rosas, em 1852, a cidade começou a crescer graças a que suas autoridades foram depositárias das rendas que provinham de seu porto, o que a levou a uma posição de privilégio frente ao país. (Cacciatore e Braun (1996 p.32).

Outro fator importante para se examinar o crescimento da cidade de Buenos Aires é exame e distribuição da sua população.

Desta forma, é ilustrativo apresentar as primeiras estatísticas existentes da população, a saber: a distribuição da população de Buenos Aires no período 1770-1810, quadro 1, a distribuição da população por jurisdição segundo o censo de Vértiz de 1778, tabela 1 e a evolução da população de Buenos Aires para o período 1680-1805, tabela 2.

Quadro 1 – Población de Buenos Aires - 1770-1810

Año	Área	Cantidad de habitantes	Según
1770	Ciudad y campaña	22 017	Concolorcorvo
1778	Ciudad y campaña	37 699	Padrón de Vértiz
1793	Ciudad	40 000	Azara
1806	Ciudad	40-45 000	Mitre, D'Orbigny, A. B. Martínez
		60-70 000	V.F López, Sir H. Pophan, Mariano Moreno y otros
1810	Ciudad	50 000	Empadronamiento de la Junta de Gobierno

Fonte: Lobato y Suriano Atlas Histórico (2000, p.115).

O exame do quadro 1 mostra o aumento paulatino da população residente na cidade de Buenos Aires. A distribuição regional fica mais evidente quando se examinam os dados do censo de Vértiz efetuado em 1778, mostrado na tabela 1. O seu exame mostra tanto o crescimento do Litoral, no auge econômico da criação de gado, como a expansão da cidade de

Buenos Aires. O Interior continuou sendo a zona mais densamente povoada, apesar de que o eixo de gravitação político e econômico passou para o Litoral.

Tabela 1- Distribución de la población por jurisdicción según el censo de Vértiz -1778

Jurisdicción	Área				Total de jurisdicción
	Ciudad		Campaña		
	Número de habitantes	Porcentaje sobre el total	Número de habitantes	Porcentaje sobre el total	
Buenos Aires	24 205	65	12 925	35	37 130
Mendoza	7 478	85	1 287	15	8 765
San Luis	3 684	53	3 272	47	6 956
San Juan	6 141	80	1 549	20	7 690
Córdoba	7 283	18	32 920	82	40 203
La Rioja	2 172	22	7 551	78	9 723
Catamarca	6 441	42	8 874	58	15 315
Santiago del Estero	1 776	11	13 680	89	15 458
Tucumán	4 087	20	16 017	80	20 104
Salta	4 305	37	7 260	63	11 565
Jujuy	1 707	13	11 912	87	13 619
Totales	69 279	37	117 247	63	186 526

Fonte: Lobato y Suriano Atlas Histórico (2000, p.116).

A expansão da população da cidade de Buenos Aires, que despontava como a mais importante metrópole da América Latina, pode ser melhor percebida nos dados apresentados na tabela 2. De quase 13 840 habitantes que tinha em 1750 evoluiu para mais de 41.281 habitantes em 1805, um crescimento de aproximadamente 298%. Segundo o censo de 1778 havia 65% de habitantes brancos, 30% de negros e 5% de mestiços e índios^{vi}, mas provavelmente na alta percentagem de brancos estavam incluídos muitos mestiços.

Tabela 2 – Evolución de la población de la ciudad de Buenos Aires - 1680-1805

Año	Habitantes
1680	5 108
1720	8 908
1744	11 572
1750	13 840
1766	20 763
1770	22 551
1778	24 205
1780	27 131
1785	29 639
1790	32 271
1795	35 076
1800	38 071
1805	41 281

Fonte: Lobato y Suriano Atlas Histórico (2000, p. 119)..

Assim, em 1819, 25,3% a população argentina vivia em áreas urbanas, representadas por 16 cidades que eram quase exclusivamente capitais provinciais. Segundo Newland (1998) Buenos Aires, a maior cidade, tinha 54.000 habitantes em 1819, respondendo por 46,1% da

população urbana. A segunda maior cidade era Córdoba com 13.000 habitantes, seguida por Santiago del Estero e Salta, cada uma com 7.000 habitantes.

Por volta de 1869, a taxa total de urbanização do país subiu para 30,4%, notadamente a do Litoral de 45, 7%. Ela foi fortemente influenciada pela multiplicação do número de cidades, que somavam um total de 103 naquele ano. Buenos Aires continuava sendo a cidade mais importante, embora seus 177.000 habitantes representando somente 33,4% do total da população urbana. Córdoba permaneceu sendo a segunda cidade mais importante do país com 28.000 ha, seguida por Rosário, que tinha se tornado o segundo porto da Argentina, com 23.000 ha.

Segundo Vázquez-Rial (1996), o censo de 1869, mostra que é fácil seguir a evolução do total do país e da cidade capital do Estado. A cidade de Buenos Aires propriamente dita ocupava 162 km. O continuum urbano que se conceitua a Grande Buenos Aires estendia-se sobre umas 10 vezes desta superfície. Tendo em conta que o total da Província de Buenos Aires era de 307. 571 km mostrava que a soma de ambas não alcançava 0,7% da superfície da Província, nem 0,007% da nacional. Nelas se concentram, sem dúvida, 46% da população total do país.

Assim, durante 30 anos -1850-1880- foi preparando-se o futuro papel de Buenos Aires como capital do país e a melhor representação da riqueza e fortuna do mesmo. O Estado, com as rendas aduaneiras, foi construindo edifícios para as atividades públicas, educação, sanidade e infraestrutura e começou o melhoramento dos espaços urbanos da cidade.

Como um bom exemplo da arquitetura a época está o antigo Teatro Colón que depois será destinados a bancos, como um sinal precoce da transformação por que passaria Buenos Aires.

A Transformação na Grande Metrópole Sul-americana no Período da *Belle Époque*

A cidade de Buenos Aires transformou-se e modernizou-se no período da chamada *Belle Époque*, pois até o século XIX Buenos Aires conservou um perfil de edificações chato, só modificado pelas torres e cúpulas das igrejas e do Cabildo, sede do governo municipal.

É importante ressaltar que já na década de setenta teve início das obras da salubridade na cidade de Buenos Aires, assolada por epidemias de cólera e febre amarela.

De acordo com Nogués (2003, p.57), a tradição da cidade de Buenos Aires era de edifícios de planta única, de tradição espanhola, começando depois em 1887 uma ligeira

modificação, passando a ser seguido por outras tradições européias, aparecendo casas de três pisos.

Em 1880 Julio Argentino Roca assumiu como presidente da Nação argentina e Buenos Aires foi declarada como capital da Argentina e sede de suas máximas autoridades. Assim, nos anos oitenta a cidade de Buenos Aires, definiu sua posição no país ao ser federalizada, reforçando o seu caráter de centro ao consolidar-se como cabeceira de linhas férreas e porto principal da Argentina. A cidade de Buenos Aires não era só era a capital política do país, mas também a financeira e a econômica, e durante muito tempo o seu único grande foco cultural. Na sua transformação houve a busca de seus conteúdos em fontes européias, e resultou um exemplo a imitar por suas cidades do interior.

O projeto de reforma urbana encarado na década de 1880 surge no contexto de corte positivista que sustentava o poder político da época. O empreendimento de Alvear alcançou diversos níveis de operatividade, desde particulares intervenções urbanas até as regulamentações do funcionamento da cidade, concentrando-se em ornamentação, higiene e ordem. (Hardoy, G. apud Radavanovic 2002).

Existe um consenso dentro da literatura de que os políticos e técnicos que levaram a cabo a modernização de Buenos Aires tinham como modelo as intervenções urbanas do barão Georges-Eugène Haussmann, que nos seus 17 anos a frente a Prefeitura de Paris transformaram-na no mais importante modelo de metrópole do século XIX. Em função disto o seu período de mandato compreendido entre os anos de 1853 a 1870, tornou-se um marco para os demais estadistas mundiais.

Esta pretensão do intendente Alvear de transformar Buenos Aires em uma grande cidade européia enquanto desenho urbano e arquitetônico, e a infra-estrutura, junto ao fato de ele contar o apoio da elite cujas exportações agrícolas e de gado cresciam fabulosamente, levou os autores Cacciatore e Braun, (1996, p.36), a chamarem o intendente Alvear de *Un Haussmann porteño*.

Um marco importante foi a lei da abertura da Avenida de Mayo que aconteceu em 31 de outubro de 1884 que previa a realização de uma via de 30 metros de largura cortando em dois o coração do centro da cidade. Para a autora Radavanovic (2002, p. 87) a legislação da Avenida foi o primeiro antecedente de uma planificação urbana e que somente em 1887 foi sancionado o *Reglamento General de Contruccion*es para toda a capital.^{vii}

O planejamento de construção da Avenida de Mayo é uma prova contundente que o exemplo das transformações da cidade tinham como exemplo Paris e para isto buscavam prever o futuro crescimento da área central propondo a abertura de avenidas e diagonais.

Como Haussmann havia traçado sua Avenida da Ópera em Paris a idéia era Buenos Aires ter o seu grande bulevar do tipo parisiense: la Avenida de Mayo.

Para esta autora é normal ter como modelo a *Opéra de Paris*, que foi inaugurada 1887, como um modelo tardio de imitação de Paris por Buenos Aires, existindo, porém, a diferença de que enquanto a Avenida *Opéra* foi traçada no sentido diagonal, criando um nexo entre o setor do Museo do Louvre e o novo edifício desenhado por Garnier, a Avenida de Mayo foi desenhada como uma linha reta para unir o tradicional espaço da *Plaza de Mayo*, que foi totalmente reformada, enquadrado pelo *Palacio de Gobierno*.

O conceito da arquitetura era simbolizar prestígio e grandeza para o país. Segundo Nogués (2003, p.53), alguns prédios construídos em Buenos Aires neste período eram simples cópias de palácios europeus, mas que outros edifícios tinham características especiais, sendo mais luxuosos, transgredindo normas que na Europa eram mais rígidas e também mais austeras, explicado pelo desejo dos arquitetos de fazer na Argentina trabalhos distintos dos realizados na Europa.

Assim, foi iniciado um febril trabalho para a hierarquização dos espaços urbanos, com sentido paisagístico, estético e higiênico. Este processo teve continuidade com a inauguração do Jardim Botânico, como anexo do *Paseo Palermo*, que havia sido o parque de residência do governador Rosas, modificado com um desenho que se aproximava do parisiense *Bois de Boulogne* e suas avenidas foram cenário para o passeio dos carruagens dos elegantes no final do século. A modernização e a europeização mudaram o uso dos espaços públicos e a mulher encontrou novos espaços públicos: as compras nas grandes lojas, as confeitarias, os passeios. Cacciatore e Braun, (1996, p.38).

Finalmente como ponto máximo deste processo foi a inauguração em 1894, da Avenida de Mayo, que finalizou a modificação do processo urbanístico da cidade. Ela reafirmou a centralidade da Plaza de Mayo. Sua construção se realizou com forte oposição de alguns vizinhos, por considerarem as expropriações necessárias para a construção um ataque aos direitos de propriedades, da mesma forma que aconteceu no processo parisiense.

Buenos Aires não difere das demais cidades do mundo existindo um corte entre o centro e os bairros. ^{viii} Em Buenos Aires o centro coincide com a parte histórica da cidade e não com o centro geográfico dela. O chamado "Centro" de Buenos Aires é a zona da cidade com um perímetro de 20 quadras de largura, e a onde se situam os principais edifícios públicos, a Casa do Governo e Ministérios, escritórios de grandes empresas, bancos e as instituições de cultura como teatros, cinemas e outros espaços culturais. Na época de seu auge o centro também era o principal espaço para os tradicionais cafés da cidade. Estes invadiram a

cidade da mesma forma que em Paris, mas com uma diferença: em Buenos Aires estavam situadas junto a calçadas, enquanto que o pedestre circulava junto a fachada. A avenida de Mayo foi então um verdadeiro salão urbano, lugar de passeio e também de desfiles, cerimônias e festejos. Cacciatore e Braun, (1996, p. 43).

O belo e imponente do edifício das Aguas Sanitárias é um dos maiores representante da história Argentina. Ele foi construído ser a sede da companhia encarregada pelo saneamento da cidade de Buenos Aires, a *Sociedad de Aguas Corrientes y Drenaje*, um dos requerimentos do crescimento da cidade. A negociação dos títulos da sociedade, que tinha o banco Baring Brothers como sócio e responsável pelos títulos. Houve uma série de irregularidade na venda destes títulos e o negócio acabou se constituindo em um grande escândalo financeiro, conhecido como a Crise Baring, em 1890 e que inclusive é um dos acontecimentos que para muitos autores marcam o fim do período de intenso crescimento.

Considerações Finais

Neste trabalho buscou-se ver como a Buenos Aires no final do século XIX tentou representar o melhor exemplo da metrópole latino-americana e a exemplo de Paris e outras metrópoles européias e que a sua transformação foi o resultado direto da chegada ao poder da chamada "geração dos oitenta".

A modernização de Buenos Aires foi formatada aos moldes da reforma empreendida por Haussmann em Paris, com a construção de bulevares, largas avenidas, sendo a construção da Avenida de Mayo o exemplo mais emblemático desta transformação.

Mas o mais importante é que esta cidade, que será denominada de *metrópole dos pampas*, se diferenciará de suas congêneres européias, pois nela o choque entre a modernidade e a pobreza será ainda mais dramática, dando-lhe uma conformação toda peculiar, em relação as demais.

Outra característica importante foi que o processo adquiriu formas diferenciadas, onde os aspectos de opulência e ousadia foram mais acentuados e principalmente os contrastes sociais.

Apropriada pela literatura, a idéia de Buenos Aires representar uma metrópole com todas as suas características passaram a representar o imaginário das principais obras literárias do período, sendo a obra de Borges o exemplo mais marcante.

Atualmente, depois de mais de quatro séculos Buenos Aires conta com mais de 12.000 *manzanas*, com aproximadamente 3.000 ruas, 50 bairros e 25 parques, com o seu desenho

arquitetônico ainda guardando importantes traços do período de intenso crescimento dos anos oitenta do século XIX.

Referências bibliográficas

BACZCO, Bronislaw. *Les imaginaires sociaux*. Paris: Payot, 1994.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: Benjamin, W. Obras Escolhidas. *Magia e técnica*. Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CACCIATORE, Julio y BRAUN, Clara El imaginario interior: el intendente Alvear y sus herederos. Metamorfosis y modernidad urbana. VÁZQUEZ-RIAL Horacio (org) Buenos Aires 1880-1913 La Capital de un Imperio Imaginario, Alianza Editorial, Madrid, 1996.

CORTÉS CONDE, R. *La economía argentina en el largo plazo (siglos XIX y XX)*. Buenos Aires, Editorial Sudamericana Universidad de San Andrés, 1997.

HALPERIN DONGHI (*História contemporânea de la América Latina*. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

LENZ, Maria Heloisa. *Crescimento econômico e crise na Argentina de 1870 a 1930: a Belle Époque*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação de Economia e Estatística, 2004.

NOGUÉS, Germinal. *Buenos Aires Ciudad Secreta*. Buenos Aires:Editorial Sudamericana, 2003.

OLASO, Ezequiel Notas para una Discusion sobre la Cultura del Ochenta. In FERRARI and GALLO (copiladores). *La Argentina del Ochenta Al Centenario*, Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1980.

PATLAGEAN, Evelyne. *A História do imaginário*. In: LE GOFF, J. (org). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social*. São Paulo, Cultura Vozes, n.5, setembro-outubro 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy.(Org.) *Leituras Cruzadas. Diálogos da História com a Literatura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

RADOVANOVIC, Elisa. *Buenos Aires Ciudad Moderna 1880-1910*. Buenos Aires: Ediciones Turísticas de Mario Banchik, 2002.

RED ARGENTINA - História de Buenos Aires <http://www.redargentina.com> (acesso em 27/01/2004 10:29 am).

ROMANO, Eduardo. La Fundación Poética de una Ciudad. In: VÁZQUEZ-RIAL Horacio. *Buenos Aires 1880-1913. La Capital de un Imperio Imaginario*, Madrid: Alianza Editorial, 1996.

SANGUINETTI, H. El Arte lírico y la sociedad porteña. In: VÁZQUEZ-RIAL Horacio. *Buenos Aires 1880-1913 La Capital de un Imperio Imaginario*, Madrid: Alianza Editorial, 1996.

SARLO, B. Modernidad y mezcla cultural In: VÁZQUEZ-RIAL, Horacio. *Buenos Aires 1880-1913. La Capital de un Imperio Imaginario*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

VÁZQUEZ-RIAL, Horacio. *Buenos Aires 1880-1913. La Capital de un Imperio Imaginario*, Madrid: Alianza Editorial, 1996.

VÁZQUEZ-PRESEDO, V. *Estadísticas históricas Argentinas (Comparadas)*. Primera Parte 1875-1914. Buenos Aires: Macchi, 1971.

VÁZQUEZ-RIAL, Horacio. Superpoblación y concentración urbana en un país desierto In: VÁZQUEZ-RIAL, Horacio. *Buenos Aires 1880-1913. La Capital de un Imperio Imaginario*, Madrid: Alianza Editorial, 1996.

Notas

ⁱ Neste caso utiliza-se os historiadores econômicos argentinos tais como Cortés Conde (1997), Halperin Donghi (1982), Vázquez- Presedo (1971), entre outros.

ⁱⁱ Neste caso utiliza-se os historiadores desta nova escola como Baczo (1994), Le Goff (1985), Pesavento (1995), Patlagen (1990).

ⁱⁱⁱ A respeito disso, Halperin Donghi (1982), afirma que a hegemonia dos operadores econômicos ligados à finança ultramarina constitui o aspecto mais relevante do desenvolvimento da cultura dos cereais.

^{iv} Vázquez-Rial (1996, p.10) lembra que Sarmiento escreveu na sua obra *Facundo*, que "o mal que afligia a Argentina era a extensão".

^v O Rio da Prata possuía uma localização geográfica que constituía a melhor via de acesso ao coração do império colonial espanhol ao sul do Peru. De Buenos Aires a Potosí a distância era de 1 750 Km de caminhos planos que demoravam 2 meses para serem percorridos. De Lima a Potosí, em troca, a distância era de 2 500 Km de caminhos de montanha que consumiam 4 meses para serem cumpridos. Desta maneira, as mercadorias importadas postas em Potosí tinham preços muito diferentes, dependendo do porto de entrada, Lima ou Buenos Aires. Por exemplo, um tecido em Potosí custava 6 ou 7 vezes mais se procedia de Lima do que se fosse proveniente de Buenos Aires. As mulas, elemento central de trabalho na economia mineira, tinham em Potosí um preço aproximadamente quatro vezes superior ao de Lima. (Ferrer, 1995, p. 53).

^{vi} De acordo com Sarasola apud Lobato, Suriano (2000, p.106), a população indígena podia ser estimada aproximadamente em 15% do total da população argentina, em 1820, e 5% em 1870.

^{vii} Radavanovic (2002) também assinala que já tinha havido o interesse em transformar Buenos Aires no período de Sarmiento em torno da figura de Cané, pois ambos propuseram o desaparecimento de uma cidade chata em benefício da saúde pública, da estética urbana e arquitetônica, onde o problema central seria a falta de espaços verdes. E também que a nova imagem urbana da cidade foi antecipada com a renovação dos edifícios que rodeavam as praças centrais.

^{viii} Segundo Nógues (2003, p.68), bairro é uma palavra de origem árabe que tem o significado de designar a parte fora da cidade.